

L'ODEUR DU CAFÉ / O CHEIRO DO CAFÉ



Clarissa Prado Mariniⁱ
(Mestranda – POSTRAD/UnB – Brasília/DF/Brasil)
clarissamarini@gmail.com

1. Apresentação do autor e da obra

Dany Laferrière, nascido em 1953 na capital haitiana Porto Príncipe, imigrou para Montreal na década de 1970 e em solo canadense nasceu como escritor. Hoje, célebre e premiado autor de mais de vinte títulos, teve sua obra traduzida para mais de uma dezena de línguas, incluindo o portuguêsⁱⁱ e em 2013 foi eleito para integrar a *Académie Française*.

L'Odeur du café é um dos dez livros que compõem a “autobiografia americana”, como é chamada por Dany Laferrière, um conjunto de obras que conta a história do autor desde sua infância no Haiti até sua fase adulta na América do norte. O livro publicado inicialmente em 1991 pela editora *VLB Éditeur* de Montréal, foi publicado posteriormente pela editora *Le Serpent à Plumes* (2001) e na sua mais recente edição de 2011, pelo *Groupe DDB*.

Laferrière retrata em *L'Odeur du café* a fase de sua infância em que viveu com sua avó na pequena cidade de Petit-Goâve no Haiti. Em curtos fragmentos ele descreve uma visão, uma experiência que viveu nesse período de sua vida e assim, com vários pequenos blocos narrativos, Laferrière compõe o romance. Esta característica é explicitada por Sobrinho “não se trata aqui da reconstituição de uma narrativa temporalmente linear, mas sim de momentos consideráveis para o delineamento de uma história de vida” (p. 111). Assim, esses “quadros” acabam formando uma sequência de imagens e impressões descritas e escritas de forma a completar o todo da obra.

Este livro de Dany Laferrière foi premiado no ano de sua publicação (1991) pelo *Prix Carbet de la Caraïbe* e apresenta uma faceta mais leve do autor. Se em outros livros faz destacar mais a erotização e o humor, neste, sobressaem as características de uma forma de escrita que se mostra “pincelada, subjetiva, e (auto)biográfica das emoções do indivíduo-autor com a intenção de ressaltar a história de uma vida” (SOBRINHO, 2010, p. 109) já que para

Laferrière “meu trabalho não consiste em dizer os fatos, mas preferencialmente em fazer surgir a emoção de uma situação” (LAFERRIÈRE apud SOBRINHO, 2010, p. 109).

No presente trabalho apresento a tradução inédita de trechos de *L’Odeur du café*. Foram escolhidos alguns subcapítulos pertencentes ao primeiro capítulo “*La galerie*” da primeira das sete partes do livro. A tradução de um texto desta natureza apresenta diversos desafios. Um texto literário de uma poeticidade particular, construído a partir de memórias fragmentadas da infância no Haiti, apresentando uma linguagem híbrida desde sua concepção, como destaca Moreira (2006, p. 80) “Dany Laferrière não deixa de inscrever na língua empregada, o francês, as marcas da complexa realidade linguística que vive”.

Importante é destacar o fato de que a escrita de Laferrière em língua francesa, apresenta características particulares e que o autor “não escreve no que seria chamado de francês tradicional” (MOREIRA, 2006, p. 80), o que o próprio Laferrière relata:

L’Odeur du café é um livro escrito em crioulo. Quando enviei o manuscrito ao meu editor, ele me fez notar um fato bem estranho. Se ele compreendia todas as palavras, ele penava algumas vezes para compreender o sentido de algumas frases. Retomei imediatamente o manuscrito para acabar descobrindo que era a sintaxe do crioulo. (LAFERRIÈRE apud MOREIRA, 2006, p. 80 – tradução minha)ⁱⁱⁱ

Assim vemos declarado que a linguagem literária criada pelo autor, que faz uso da língua francesa, também tem em sua constituição particularidades do crioulo. Além disso, apresenta outras características como elementos que derivam das impressões de uma criança, com simplicidade, sinceridade e um humor leve, o que não é encoberto pela (e não encobre) a escrita amadurecida de Dany Laferrière.

A tradução foi feita de forma a recriar em português a ambientação da obra, e a forma de narrativa fragmentada de Laferrière, propondo a construção de uma linguagem em português que também seja capaz de retratar os elementos apresentados pelo autor, suas imagens fortes e descritas a partir dessa visão particular do mundo.

2. *L’odeur du café – Première Partie – I Galerie*

L’été 63

*J’ai passé mon enfance à Petit-Goâve,
à quelques kilomètres de Port-au-Prince. Si
vous prenez la nationale Sud, c’est un peu
après le terrible morne Tapion. Laissez*

Verão de 63

Passei minha infância em Petit-Goâve,
a alguns quilômetros de Porto Príncipe. Se
pegar a nacional Sul, é um pouco depois do
terrível morro Tapion. Deixe seu caminhão

rouler votre camion (on voyage en camion, bien sûr) jusqu'aux casernes (jaune feu), tournez tranquillement à gauche, une légère pente à grimper, et essayez de vous arrêter au 88 de la rue Lamarre.

Il est fort possible que vous voyiez, assis sur la galerie, une vieille dame au visage serein et souriant à côté d'un petit garçon de dix ans. La vieille dame, c'est ma grand mère. Il faut l'appeler Da. Da tout court. L'enfant, c'est moi. Et c'est l'été 63.

De fortes fièvres

Quand on y pense bien, il ne s'est rien passé durant cet été, sinon que j'ai eu dix ans. Il faut dire que j'ai été un peu malade, j'ai eu de fortes fièvres, et c'est pour cela que vous m'avez trouvé tranquillement assis aux pieds de ma grand-mère. Selon le bon docteur Cayemitte (un beau nom de fruit tropical), je devais garder le lit durant toutes les grandes vacances. Da m'a permis de rester sur la galerie à écouter les cris fous de mes copains qui jouent au football, tout à côté, dans le parc à bestiaux. L'odeur du fumier me monte aux narines.

Le paysage

On dirait un dessin de peintre naïf avec, au loin, de grosses montagnes chauves et fumantes. Là-haut, les paysans ramassent le bois sec pour le brûler. Je distingue les

rodar (a gente viaja de caminhão, é claro) até as casernas (amarelo fogo), vire cuidadosamente à esquerda, suba uma pequena ladeira e tente parar na 88 da rua Lamarre.

É muito provável que você veja, sentada na varanda uma velha senhora de rosto sereno e sorridente ao lado de um menino de dez anos. Essa velha senhora é minha avó. Chame-a de Ba. Só Ba mesmo. A criança sou eu. E é o verão de 63.

Febres fortes

Pensando bem, não aconteceu nada nesse verão, só que eu fiz dez anos. É que nesse verão fiquei um pouco doente, tive febres fortes, e foi por isso que você me encontrou sentado tranquilamente aos pés da minha avó. Segundo o bom doutor Cayemitte (um belo nome de fruta tropical), eu deveria ficar na cama durante todas as férias de verão. Ba me deixou ficar na varanda escutando os gritos dos meus colegas jogando futebol, bem perto dali, no curral. O cheiro do esterco me sobe às narinas.

A paisagem

Como num desenho de pintor naïf, ao fundo, grandes montanhas carecas e fumegantes. Lá em cima, os camponeses juntam a madeira seca para a queima.

silhouettes d'un homme, d'une femme et de trois enfants dans le coin du vieux morne. L'homme est en train de faire un feu à trois pas de sa maison, une petite chaumière avec une porte et deux fenêtres. La femme vient de rentrer dans la maison d'où elle ressort immédiatement pour aller se placer devant l'homme. Elle lui parle en faisant de grands gestes avec les bras. Une fumée noire et épaisse monte vers un ciel bleu clair. L'homme ramasse un paquet de brindilles qu'il jette dans le feu. La flamme devient plus vive. Les enfants courent tout autour de la maison. La femme les fait entrer et retourne de nouveau vers l'homme. Le feu est entre eux deux.

Je raconte tout cela à Da. Il faut dire que je raconte tout à Da. Da dit que j'ai un oeil d'aigle.

La mer

Je n'ai qu'à me tourner pour voir un soleil rouge plonger doucement dans la mer turquoise. La mer des Caraïbes se trouve au bout de ma rue. Je la vois scintiller entre les cocotiers, derrière les casernes.

Vent

Je sens parfois, tard l'après-midi, le souffle de l'alizé dans mon cou. Un vent léger qui soulève à peine la poussière de la rue et, quelquefois, les robes noires des

Consigo distinguir as silhuetas de um homem, de uma mulher e de três crianças no canto do velho morro. O homem está fazendo uma fogueira a três passos de sua casa, uma pequena cabana com uma porta e duas janelas. A mulher acaba de entrar na casa de onde ela torna a sair imediatamente para ficar de frente para o homem. Ela fala com ele fazendo grandes gestos com os braços. Uma fumaça preta e espessa sobe ao céu azul e claro. O homem junta um montinho de gravetos e joga no fogo. A chama fica mais viva. As crianças correm em volta da casa. A mulher os coloca para dentro e volta novamente para perto do homem. O fogo está entre os dois.

Eu conto tudo isso para Ba. É que eu sempre conto tudo para Ba. Ba diz que eu tenho olhos de águia.

O mar

Só faço me virar para ver um sol vermelho mergulhar lentamente no mar turquesa. O mar do Caribe está no final da minha rua. Eu o vejo cintilar por entre os coqueiros, atrás das casernas.

Vento

Sinto às vezes, no fim da tarde, o sopro do alísio no meu pescoço. Um vento leve que levanta suavemente a poeira da rua e, por vezes, os vestidos pretos das

paysannes qui descendent des mornes avec un sac de charbon en équilibre sur la tête.

camponesas que descem dos morros com um saco de carvão equilibrado na cabeça.

xxx

xxx

La bicyclette rouge

Cet été encore, je n'aurai pas la bicyclette tant rêvée. La bicyclette rouge promise. Bien sûr, je n'aurais pas pu la monter à cause de mes vertiges, mais il n'y a rien de plus vivant qu'une bicyclette contre un mur. Une bicyclette rouge.

A bicicleta vermelha

Ainda nesse verão, eu não terei minha tão sonhada bicicleta. A prometida bicicleta vermelha. É claro que eu não ia conseguir andar nela por causa das minhas tonturas, mas não tem nada mais vivo que uma bicicleta encostada na parede. Uma bicicleta vermelha.

La fugue

L'été dernier, j'avais volé une bicyclette, la bicyclette de Montilas, le forgeron, juste devant chez lui. La bicyclette était appuyée contre un arbre, près de la bibliothèque communale. À l'ombre. On aurait dit que cette vieille bicyclette attendait quelqu'un pour filer vers le sud. Je l'ai enfourchée doucement et j'ai roulé devant moi jusqu'à la Petite Guinée en passant derrière l'église. Il y a une légère pente à descendre. Et la bicyclette de Montilas était bien huilée. La poitrine au vent, sans chemise (je l'ai attachée à ma taille), je n'ai pas vu le temps passer. C'est la première fois que je vais si loin dans cette direction. Quand je suis revenu, le soleil était à moitié dans la mer. Da m'attendait,

A fuga

No verão passado, eu roubei uma bicicleta, a bicicleta de Montilas, o ferreiro, bem na frente dele. A bicicleta estava apoiada numa árvore, perto da biblioteca municipal. Na sombra. Poderia dizer que aquela velha bicicleta estava esperando alguém para seguir em direção ao sul. Eu montei devagar e toquei para frente até Petite Guinée passando por trás da igreja. Tem uma leve ladeira para descer. E a bicicleta de Montilas estava bem lubrificada. O vento no peito, sem camisa (amarrei na cintura), nem vi o tempo passar. É a primeira vez que vou tão longe nessa direção. Quando voltei, o sol estava pela metade dentro do mar. Ba me esperava, de pé na varanda.

233

debout sur la galerie.

xxx

xxx

La rue

Notre rue n'est pas droite. Elle court comme un cobra aveuglé par le soleil. Elle part des casernes pour s'arrêter brutalement au pied de la croix du Jubilé. C'est une rue de spéculateurs qui achètent du café ou du sisal aux paysans. Le samedi, c'est jour de marché. Une vraie fourmilière. Les gens viennent des douze sections rurales environnantes qui forment le district de Petit-Goâve. Ils vont pieds nus avec un large chapeau de paille sur la tête. Les mulets les précèdent, chargés de sacs de café. Bien avant le lever du soleil, on entend un vacarme dans la rue. Les bêtes piaffent. Les hommes hurlent. Les femmes crient. Da se lève tôt, le samedi, pour leur préparer du café. Un café très noir.

A rua

Nossa rua não é reta. Ela corre como uma cobra naja que o sol cegou. Ela começa nas casernas para terminar brutalmente aos pés da cruz do Jubileu. É uma rua de especuladores que compram café ou sisal dos camponeses. Sábado é dia de feira. Um verdadeiro formigueiro. As pessoas vêm de doze sessões rurais próximas que formam o distrito de Petit-Goâve. Eles vão de pés descalços com um grande chapéu de palha na cabeça. Os jegues vêm na frente, carregados de sacos de café. Bem antes do sol se levantar, escutamos uma barulheira na rua. Os bichos piam. Os homens berram. As mulheres gritam. Ba levanta cedo, no sábado, para fazer o café para eles. Um café muito preto.

xxx

xxx

Le café des Palmes

Le meilleur café, d'après Da, est le café de la région des Palmes. En tous cas, c'est ce qu'elle boit toujours. Da ne peut plus acheter du café en très grande quantité, comme autrefois. Nous avons fait faillite, il y a une dizaine d'années, bien avant la mort

O café de Palmes

O melhor café, segundo Ba, é o café da região de Palmes. Pelo menos é o que ela bebe sempre. Ba não pode mais comprar café em grande quantidade, como antes. Nós falimos, há uma década, bem antes da morte do meu avô. Apesar disso, os camponeses

de mon grand-père. Malgré tout, les paysans continuent à offrir à Da de lui vendre du café. Quand ils voient qu'elle n'a pas d'argent, ils déposent sur la galerie un demi-sac de café en grains. Da regarde ailleurs et ils s'en vont sans se faire payer. Ce café va durer une semaine parce que Da en offre à tout le monde.

Le paradis

Un jour, j'ai demandé à Da de m'expliquer le paradis. Elle m'a montré sa cafetière. C'est le café des Palmes que Da préfère, surtout à cause de son odeur. L'odeur du café des Palmes. Da ferme les yeux. Moi, l'odeur me donne des vertiges.

Le tabac

Toutes les paysannes fument la pipe, une petite pipe en terre cuite rouge. De grandes feuilles de tabac séchées qu'elles frottent entre leurs paumes pour en faire de la poudre. Elles fument leur pipe sous de larges chapeaux de paille.

La tasse bleue

Da est assise sur une grosse chaise avec, à ses pieds, une cafetière. Je ne suis pas loin d'elle, couché sur le ventre à regarder les fourmis.

Les gens s'arrêtent, de temps en temps, pour parler à Da.

continuam a perguntar para Ba se ela quer comprar café. Quando eles veem que ela não tem dinheiro, eles deixam na varanda meio saco de café em grãos. Ba desvia o olhar e eles vão embora sem pagamento. Esse café vai durar uma semana porque Ba oferece para todo mundo.

O paraíso

Um dia pedi para Ba me explicar o que é o paraíso. Ele me mostrou sua cafeteira. É o café de Palmes que Ba prefere, principalmente por causa do seu cheiro. O cheiro do café de Palmes. Ba fecha os olhos. Para mim, o cheiro me dá tontura.

O tabaco

Todas as camponesas fumam cachimbo, um pequeno cachimbo de barro vermelho. Grandes folhas de tabaco secas que elas esfregam entre as mãos para fazer o pó. Elas fumam o cachimbo debaixo de grandes chapéus de palha.

A xícara azul

Ba está sentada numa grande cadeira com, aos seus pés, uma cafeteira. Não estou longe dela, deitado de bruços olhando as formigas.

As pessoas param, de vez em quando, para falar com Ba.

- <i>Comment ça va, Da ?</i>	- Como vai, Ba?
- <i>Très bien, Absalom.</i>	- Vou bem, Absalom.
- <i>Et le corps, Da ?</i>	- E o corpo, Ba?
- <i>Grâce à Dieu, ça va... Une gorgée de café, Absalom ?</i>	- Graças a Deus, tudo bem... Um gole de café, Absalom?
- <i>Je ne refuserai pas, Da.</i>	- Não vou recusar, Ba.
<i>Le visage fermé d’Absalom en train de humer le café. Il le boit lentement et fait claquer sa langue de temps en temps. La petite tasse bleue que Da réserve aux initiés. La dernière gorgée. Absalom soupire, Da sourit. Il rend la tasse et remercie Da en soulevant son chapeau.</i>	O rosto fechado de Absalom enquanto cheira o café. Ele bebe lentamente e estala a língua de vez em quando. A pequena xícara azul que Ba guarda para os iniciados. O último gole. Absalom suspira, Ba sorri. Ele entrega a xícara e agradece Ba levantando seu chapéu.

Les fourmis

La galerie est pavée de briques jaunes. Dans les insterstices vivent des colonies de fourmis. Il y a les petites fourmis noires, gaies et un peu folles. Les fourmis rouges, cruelles et carnivores. Et les pires, les fourmis aillées.

Sur ma gauche : une libellule couverte de fourmis.

As formigas

A varanda é calçada de ladrilhos amarelos. Nos intervalos vivem colônias de formigas. Tem as pequenas formigas pretas, alegres e um pouco doidas. As formigas vermelhas, cruéis e carnívoras. E as piores, as formigas com asas.

À minha esquerda: uma libélula coberta de formigas.

236

3. Comentários

Na tradução como um todo tentei reproduzir a fragmentação da narrativa de Laferrière para contribuir na composição de um ritmo decorrente desse modo de escrita do autor, semelhante ao que propõe o texto original. Assim, o quadro geral da obra e os quadros de imagens (como já comentado) propostos pelo autor se fazem presentes na tradução como no original.

É possível notar o uso frequente do tempo presente na escrita de Laferrière, comentado pelo próprio autor “*L’Odeur du café* é escrito no presente do indicativo. Jamais quis fazer uma recriação do passado, quis em cada vez reviver minha infância” (LAFERRIÈRE *apud*

SOBRINHO, 2010, p. 110). Na tentativa de recriar esse reviver da infância, foi usado também na tradução em português o tempo presente para os verbos assim escritos em francês, como em “*Je sens parfois, tard l’après-midi, le souffle de l’alizé dans mon cou.*” “Sinto às vezes, no fim da tarde, o sopro do alísio no meu pescoço.”.

A escrita de Laferrière neste livro trás também alguns elementos da fala de uma criança ou elementos de recriação de oralidade na escrita, como em “*Il faut dire que j’ai été un peu malade(...)*”, que foi traduzido por “É que nesse verão fiquei um pouco doente(...)”. Além disso, este recurso de escrita pode ser visto também como uma fórmula retórica que valoriza a elocução, em que o autor faz referência direta ao receptor e considera a presença do leitor, assim valorizando a voz narrativa e a oralidade, como se a história narrada por Dany fosse uma falada em voz alta, como aquelas que sua avó lhe contava tarde da noite.

Além destes, outros comentários, mais ligados a aspectos lexicais, se fazem necessários. A começar pelo cheiro, “*l’odeur*” do café que é um símbolo, um elemento emblemático da fase sobre a qual Laferrière escreve neste romance. Na interiorana cidade onde viviam, sua avó bebia o tão preto café diariamente sentada na varanda de casa e oferecia aos amigos que lhe visitavam. Para a avó a cafeteira era o seu paraíso. Para o jovem, o cheiro de café não era tão apetitoso. Chegava a lhe causar tontura.

Ao analisar o título do romance, a palavra utilizada “*odeur*” em francês, não sugere necessariamente uma sensação positiva nem negativa. Ao longo do romance pode-se perceber a relação dos personagens com o café e a reação particular ao estímulo olfativo provocado por ele. Assim, quando da tradução, a palavra usada foi “cheiro” evitando também em português a indicação positiva ou negativa a respeito deste, principalmente por esta palavra estar presente no título evitando denunciar elementos posteriores da obra.

Em relação aos topônimos, o critério foi o de usar os nomes que são de uso corrente em português (como, por exemplo: Porto Príncipe) mas para os nomes sem correspondente em português, foram mantidos os nomes como no original (ex: *Petit Goâve*). Assim, uma tentativa de garantir a remissão do leitor ao contexto geográfico descrito pelo autor.

Uma das questões da tradução desse livro é o apelido da avó do narrador. Na obra original, o narrador chama a avó de “Da”. Na tradução do livro *Pays sans chapeau* (1996), a tradutora Heloisa Moreira usou “Ba” como o apelido para esta personagem com a seguinte justificativa:

Optei por traduzir o nome pelo qual o narrador refere-se a sua avó por **Ba**, uma vez que *Da* em crioulo era a escrava que criava as crianças da casa grande e transmitia-lhes a cultura da senzala, assim como Ba era a escrava que tomava conta das crianças. Até hoje a babá, muitas vezes, é chamada só por Ba. O fato de o termo *Da* referir-se a uma mulher de idade respeitada talvez tenha levado ao apelido da avó do narrador. (MOREIRA, 2006, p. 84)

Uma vez que a tradutora de outra obra do mesmo autor que apresenta a mesma personagem (lembrando o vínculo explícito entre as obras de caráter autobiográfico de Laferrière) usa o nome “Ba”, mantive o nome proposto por Moreira (2006) a fim de garantir a coerência entre as traduções das obras e também fazendo com que o leitor seja capaz de reconhecer os personagens presentes nas diferentes obras.

Em relação aos outros nomes de personagens, estes foram conservados como no original, a exemplo do doutor Cayemitte e do ferreiro Montilas.

Um elemento que tem grande importância para a construção da obra é a “*galerie*”, espaço da casa onde a avó do narrador passa as tardes e cenário de vários dos quadros de impressão do autor. A tradução de *galerie* por varanda é validada pela argumentação de Moreira (2006) em sua dissertação de mestrado sobre a tradução de *Pays sans chapeau*:

Galerie: em francês não existe essa palavra designando **varanda**, até porque na realidade cultural francesa não existem varandas, o que a palavra *véranda* designa em francês é um tanto diverso da nossa. No entanto o que nos permite fazer essa transposição é o contexto cultural e a similitude das referências. Pela descrição do que acontece na *galerie* (especialmente com a leitura do livro, *L’odeur du café*), concluímos que é o equivalente da varanda brasileira. (MOREIRA, 2006, p. 83)

Outra palavra que pode ser destacada é “*cafetière*”, a estimada *cafetière* da avó do personagem que causou um questionamento na tradução. Apesar de “cafeteira” poder remeter, na cultura brasileira, à cafeteira elétrica, levou-se em consideração que a *cafetière* faz referência em francês à cafeteira (chamada também de cafeteria italiana) objeto onde é feito o café e onde se armazena o café pronto. Assim, *cafetière* foi traduzida por “cafeteira” levando em conta que pode-se inferir o sentido de cafeteira no texto pela função do objeto “*Da est assise sur une grosse chaise avec, à ses pieds, une cafetière.*” “Ba está sentada numa grande cadeira com, aos seus pés, uma cafeteira.”

Desvelar o processo de tradução de uma obra com tantas particularidades e minúcias parece uma tarefa mais difícil que a de traduzir em si. No Brasil temos traduções (publicadas) de apenas dois livros de Dany Laferrière e a tradução proposta neste trabalho não só apresenta questionamentos e estratégias usadas como soluções de tradução, mas também divulga este

rico texto de um autor cuja obra é pouco difundida no Brasil apesar de seu reconhecimento mundial. Embora as escolhas de tradução sejam passíveis de crítica, espero que o despertar dos sentidos provocado pelo texto permaneça tão marcante para o leitor de língua portuguesa quanto é para o leitor de língua francesa na memória da cor do mar turquesa do Caribe, do barulho da feira sábado de manhã, do vento no peito ao correr com a bicicleta e do cheiro do café preto de Ba.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

LAFERRIÈRE, Dany. **L'odeur du café**. Paris, Groupe DDB, 2011.

MOREIRA, Heloisa C. A. **Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau de Dany Laferrière**. São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Francesa) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOBRINHO, Ataiena V. da L. Miguel. A narrativa autobiográfica de infância: arrebatados pelos sentidos em L'odeur du café, de Dany Laferrière. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, 2010, n. 4, p. 103-118. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46791/50552>.

239

RECEBIDO EM 21/12/2014

ACEITO EM 12/01/2015

ⁱ Currículo Lattes. Clarissa Prado Marini. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145>

ⁱⁱ Sua obras "*Pays sans chapeau*" (1996) e "*Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer*" (1985 - seu primeiro romance) foram traduzidos no Brasil, com os títulos "País sem chapéu", traduzido por Heloisa Moreira, publicado pela Editora 34 em 2011 e "Como fazer amor com um negro sem se cansar", traduzido por Heloisa Moreira e Constança Vigneron e publicado pela mesma editora em 2012.

ⁱⁱⁱ Trecho original: L'Odeur du café est un livre écrit en créole. Quand j'ai envoyé le manuscrit à mon éditeur, celui-ci m'a fait remarquer un fait assez étrange. S'il comprenait tous les mots, il peinait quelquefois à comprendre le sens de certaines phrases. J'ai repris tout de suite le manuscrit pour finir par découvrir que c'était la syntaxe du créole.